

Prólogo

O lamento bíblico é misterioso demais para ser igualado a uma lamentação psicológica. Nem pode ser compreendido exhaustivamente por um compêndio de seminário. Ele, por certo, reflete a condição humana, mas reflete igualmente o caráter de Deus. Portanto, o lamento é um aspecto vital da antropologia teológica; e em si mesmo, uma preocupação cada vez mais central do cristianismo do século 21. Nosso estudo dos salmos de lamento auspiciosamente proverá uma base para uma teologia do lamento.

Nosso propósito não é o da erudição mais antiga que identificava um gênero ou categoria do Saltério como “salmos de lamento” em contraste com outros gêneros, como louvor.¹ Nossa coletânea de salmos seria, então, controversa, pois outros salmos poderiam ser escolhidos como mais significativos do gênero identificado como “lamento”. Temos, de fato, em nosso esforço colaborativo, de combinar a história da interpretação com a exegese contemporânea dos salmos escolhidos, bem como temos de considerar os tradicionais “sete salmos penitenciais”, dos quais o Salmo 51 já fora escolhido em nosso trabalho prévio,² junto com os Salmos 5 a 7, como uma coleção, inclusos com as súplicas especiais, conforme os Salmos 44 e 49.

Como veremos, os Pais da Igreja não compreenderam o caráter “penitencial” com a mesma ênfase literal conforme a cultura medieval o fez, mais tarde. Nosso exemplo, então, não é de sentido abrangente, porém é mais contextual, de uma postura humana básica de nossa finitude, de

¹ Bruce K. Waltke e James M. Houston com Erika Moore, *Os Salmos como adoração cristã: um comentário histórico* (Shedd Publicações, 2015) p. 104-106.

² *Os Salmos como adoração cristã*, p. 471-508.

nossa natureza pecaminosa, de nossa necessidade de redenção, de nossa confiança na comunhão com Deus, tudo à luz do propósito de Deus para a humanidade ser criada e destinada na imago dei [imagem de Deus].

Quanto à finitude, o problema de ser perseguido por causa da justiça era mais aflitivo para o salmista na antiga dispensação do que para os cristãos da nova dispensação. A antiga dispensação prometeu bênçãos para aqueles que fossem fiéis e obedientes à lei de Deus e ameaçava com punição o infiel e desobediente (cf. Levítico 26; Deuteronômio 28). Embora a primeira profecia da Bíblia – “ele [a descendência da mulher] ferirá a sua [da serpente] cabeça e você lhe ferirá o calcanhar” (Gn 3.15) – sugira a perseguição do justo, o livro da Lei de Moisés (o fundador humano de Israel) não expressou esta inevitabilidade. Na antiga dispensação, muitos santos (e.g., Abel, Jó, Moisés, Jeremias) sofreram, como os salmistas, por serem fiéis. Muitas histórias do Antigo Testamento reconhecem o valor espiritual formativo do sofrimento. No deserto, Israel aprendeu o que viver com o Senhor significava. Causando a fome de Israel e, em seguida, alimentando o povo, o Senhor o instruiu a ser ensinável (Êx 16.4; Dt 8.2-4). Ao permitir que os cananitas permanecessem na terra, ele ensinou a guerra santa aos descendentes da geração de Josué (Jz 3.1, 2). Mas na maioria dos casos a antiga dispensação manteve os santos na escuridão a respeito da necessidade do justo sofrer o golpe do ímpio. Em contraste, o Senhor Jesus Cristo, confiando nos seguidores como amigos, os ensina claramente que eles seriam perseguidos. “Nenhum escravo”, ele disse, “é maior do que o seu senhor. Se me perseguiram [o mundo], também perseguirão vocês” (Jo 15.20). Devido à finitude, os cristãos ainda ficam perplexos quanto aos sofrimentos injustos (2Co 4.8,9), mas porque foram prevenidos, eles não protestam, mas os esperam (cf. 2Tm 2.3,12), ao contrário dos salmistas inocentes, que protestaram contra os seus sofrimentos.³ Em síntese, como consequência da advertência de Jesus, ninguém pode falar “dos salmos como protesto cristão”.

Sem dúvida, os cristãos, como os salmistas, lamentam os sofrimentos, e têm fome e sede de justiça (cf. Mt 5.3-11). O Senhor Jesus, como o salmista, afirmou: “meu coração está perturbado” (Jo 12.27; Sl 6.2,3 [3,4]), e “nas tuas mãos entrego o meu espírito” (Lc 23.46; Sl 31.5[6]). Como o salmista lamentando, ele foi “odiado sem razão” (Jo 15.25; Sl 35.19) e

³ *Os Salmos como adoração cristã*, p. 106-108.

“aquele que partilhava do pão dele voltou-se contra [ele]” [Jo 13.18; Sl 41.9[10]]. Paulo também identificou-se com o salmista quando escreveu: “Por amor de ti enfrentamos a morte todos os dias; somos considerados como ovelhas destinadas ao matadouro” (Rm 8.36; Sl 44.22[23]). Mas, diferentemente do salmista, os cristãos regozijam-se nos sofrimentos, e regozijam-se por duas razões. Primeiro, os cristãos, mais que os salmistas, sabem que sofrimentos injustos produzem virtudes (Rm 5.3-5; Tg 1.2,3; 1Pe 1.7). E, segundo, como Jesus Cristo “trouxe à luz a vida e a imortalidade” através da morte pelo pecado, sepultamento e ressurreição comprovada (2Tm 1.10; 1Co 15.3-8), eles sabem melhor do que o salmista que grande é a recompensa no céu para aqueles que são perseguidos por causa da justiça e da fé em Jesus Cristo (Mt 5.10-12; 1Pe 4.13). Francis Bacon bem afirmou: “A prosperidade é a bênção do Antigo Testamento; a adversidade é a bênção do Novo, algo que acarreta bênção suprema, e uma revelação mais evidente do favor de Deus”.⁴ Moberly comenta sobre esta oposição e perseguição: “A visão do cristão pode contextualizar estes acontecimentos dentro da vida de discipulado”.⁵ Em resumo, ninguém pode falar “dos salmos como alegria cristã no sofrimento”.

Ser “pobre” e estar em “lamento” estão associados no Saltério: a) a buscar justiça no tribunal como um requerente; b) a clamar por ajuda em perigo, opressão e ameaça de morte; c) à necessidade de saúde e cura em face da moléstia e enfermidade; d) e, nos salmos verdadeiramente penitenciais, a buscar perdão, redenção e restauração da comunhão com Deus.⁶ Portanto, o lamento é duplo: individual e nacional; e isto é especialmente verdadeiro nos salmos, pois eles são, com frequência, o lamento do rei de Israel, que está em solidariedade corporativa com o povo.⁷

Misteriosamente, o próprio Jesus Cristo, como o Deus-Homem, nutriu a vida interior na comunhão com o seu Pai, nos estágios significativos de sua vida e morte, nos salmos hebraicos. Ele, é provável, primeiro aprendeu sobre os salmos sobre os joelhos da mãe quando era uma criança pequena

⁴ Francis Bacon, “Essays or Counsels Civil and Moral”, Essay V, in *Harvard Classics*, v. 3, ed. Charles W. Eliot (New York: P. E. Collier & Son, 1937), p. 16.

⁵ R. W. Moberly, *Old Testament Theology: Reading the Hebrew Bible as Christian Scripture* (Grand Rapids: Baker Academic, 2013), p. 236.

⁶ Steven J. L. Croft, *The Individual in the Psalms* (Sheffield: JSOT Press, 1987), p. 49-72.

⁷ *Os Salmos como adoração cristã*, p. 101, 102, 117.

(cf. Sl 22.9,10[10,11]; 2Tm 1.5; 3.14,15). Ao ser batizado, em solidariedade com toda humanidade, a recitação do salmo conferiu clareza para a sua missão terrena. Na nudez e sofrimento cruel na cruz, foi com o salmo que ele morreu.⁸ Conforme a epístola aos Hebreus comenta: “Durante os seus dias de vida na terra, Jesus ofereceu orações e súplicas, em alta voz e com lágrimas, àquele que o podia salvar da morte, sendo ouvido por causa da sua reverente submissão” (Hb 5.7). Do mesmo modo, ocorreu a perseguição e sofrimento de seus seguidores Paulo e Silas, que cantavam salmos à meia-noite enquanto estavam presos (At 16.25).

Assim como os Pais do século 4 lutaram para defender tanto a humanidade como também a divindade de Cristo, dentro da cultura grega da imutabilidade do divino, o cristianismo niceno, que foi moldado através destes combates, inseriu um artigo crítico: “por nós [...] se fez homem”. Esta confissão podemos parafrasear como “que por causa dos seres humanos se fez um ser humano”. A encarnação é para um objetivo específico.⁹ O lamento bíblico é incluído dentro deste propósito divino. Pois ter uma existência humana genuína, como Deus tentou para que desfrutássemos, é exercitar o lamento diante dele. Esta intenção é indicativa da soberana graça de Deus, de nossa confiança nos propósitos dele, e de nosso destino final, o de sermos transformados à imagem de seu Filho.

Nossos comentários históricos não são abrangentes; ao contrário, eles são vinhetas selecionadas que mostram como o lamento fora praticado por preocupações particulares e assuntos pessoais em diferentes períodos da história da igreja. Cada um dos Pais antigos tem estilo próprio de teologia pastoral, que expressa personalidade ímpar. Somente a partir do período de Bede e Alcuin o numérico “sete salmos penitenciais” começa a ter relevância social, no momento em que a cultura penitencial do século 13 até à Reforma influenciou o uso do Saltério.¹⁰ Como Michael P. Kuczynski

⁸ Samuel Terrien, *The Psalms and Their Meaning for Today* (Indianapolis: Bobbs-Merrill, 1952), p. 8.

⁹ Robert W. Jenson, “Para nós... Ele se fez homem”, em *Nicene Christianity: The Future for a New Ecumenism*, ed. Christopher R. Seitz (Grand Rapids: Brazos, 2001), p. 75-83.

¹⁰ Clare Costley Kingoo, *Miserere Mei: The Penitential Psalms in Late Medieval and Early Modern England* (Notre Dame, IN: University of Notre Dame Press, 2012). Enquanto abrangente como estudo literário, o livro revela a tendência católica em relação a uma “cultura penitencial”, que ainda é interpretada como “agostiniana”

observa muito bem: “Os Salmos vieram para moldar o discurso da moral medieval antiga de maneira bastante dramática, pois os escritores que conheciam os salmos intimamente [...] argumentaram que os princípios éticos latentes nos Salmos podiam e precisavam ser aplicados ao comportamento diário do antigo povo medieval”.¹¹

Na Inglaterra de Henrique VIII, os salmos penitenciais podiam sutilmente ser usados como protesto político contra as suas aventuras conjugais.¹² Os salmos de lamento eram também apropriados às formas como a rivalidade ocorreu até entre os reformadores.

Estes conhecimentos históricos deveriam servir de advertência para o nosso uso e, talvez, nosso uso indevido dos salmos de lamento em nosso contexto cultural e agenda individual. Pois, enquanto enfrentamos o envelhecimento de um vasto segmento da população, começamos a reinterpretar a cultura profissional de “sucesso” dos *Baby Boomers* dentro de “uma cultura inapta” a cuidar de uma população excessiva de idosos.¹³ Assim, o lamento assumirá um novo significado.

Estas mudanças de perspectivas tornam o tema mais relevante, de tal maneira que o “lamento” seja baseado em exemplos bíblicos. Crucial neste século é a necessidade de aprofundar a compreensão da antropologia teológica. Exatamente como o mistério da *creatio ex nihilo* está associado ao chamado de Abraão, assim também o ser humano não pode ser entendido sem a doutrina da *imago dei*.¹⁴ Ambos são categorias metafísicas que não contradizem as ciências humanas, mas inserem uma dimensão inacessível ao entendimento humano. “Lamento diante de Deus” é uma categoria similar, que transcende o protesto humano quando é somente

em origem. Ele ignora a reforma carolíngia como vigorosa precursora da cultura penitencial da Idade Média.

¹¹ Michael P. Kuczynski, “The Psalms and Social Action in Late Medieval England”, in *The Place of the Psalms in the Intellectual Culture of the Middle Ages*, ed. Nancy van Dusen (Albany, NY: State University of New York Press, 1999), p. 191-214.

¹² Clare Costley Kingoo, “Rightful Penitence and the Publication of Wyatt’s *Certainne Psalmes*”, em *Psalms in the Early Modern World*, ed. Linda Phyllis Austern, Kari Boyd McBride, and David L. Orvis (Burlington, VT: Ashgate, 2011), p. 155-74.

¹³ Hans S. Reinders, *Receiving the Gift of Friendship: Profound Disability, Theological Anthropology, and Ethics* (Grand Rapids/Cambridge, UK: Eerdmans, 2008).

¹⁴ David B. Burrell, Carlo Cogliati, Janet M. Soskice, and William R. Stoeger, ed., *Creation and the God of Abraham* (Cambridge: Cambridge University Press, 2010).

considerado em termos de psicologia secular.¹⁵ Nenhuma disciplina erudita pode ser independente da outra, como estamos tentando expressar nesta obra. Dado que estamos diante de uma nova porta de percepção, uma nova especialidade que poderá surgir para a nova geração de eruditos é a “teologia do lamento”.

Nosso exegeta bíblico, Dr. Bruce Waltke, professor emérito de estudos bíblicos do Regent College, devotou bastante da vida acadêmica ao estudo textual dos Salmos, para nos conceder, como Calvino antes dele, “o sentido claro do texto”.¹⁶ Os seus estudos exegéticos contêm a substância fundamental de nosso livro. Dr. James Houston, principal fundador do Regent College e professor emérito de teologia espiritual, proveu a história do comentário e a descrição pessoal dos colaboradores escolhidos. A Dra. Erika Moore, professora de Antigo Testamento na Trinity School for Ministry em Ambridge, Pennsylvania, escreveu a porção exegética para o Salmo 39, fez uma edição valiosa, e preparou o glossário.

¹⁵ Podemos simpatizar com as tentativas de relacionar os Salmos à dependência humana e sofrimento, como propostos por Dennis Sylva, *Psalms and the Transformation of Stress: Poetic Communal Interpretation and the Family* (Louvain: Peeters, 1996), mas estas tentativas não interpretam o lamento bíblico.

¹⁶ Veja Bruce K. Waltke, “Biblical Theology of the Psalms Today: A Personal Perspective”, in *The Psalms: Language for All Seasons of the Soul*, ed. Andrew J. Schmutzer and David M. Howard Jr. (Chicago: Moody Publishers, 2013), p. 19-28.